

## Discurso de mulheres em receitas de sabão caseiro: um estudo piloto

Women's discourse on homemade soap recipes: a pilot study

*Lucia Gonçalves de Freitas\**

*\*Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

---

**Resumo:** Este texto relata uma primeira apropriação da pesquisa “Análises feministas de discurso: da formação do campo à aplicação localizada”, projeto desenvolvido entre 2017- 2018, no âmbito do Grupo de Estudos da UEG-Jaraguá e no PPGIELT, com apoio do Curso de Cinema e Audiovisual, do campus da UEG-Laranjeiras. Dentre os objetivos da pesquisa, está o de coletar e analisar receitas de mulheres que fazem sabão caseiro para traçar reflexões sobre as relações entre essa prática de saberes e questões de identidade feminina. O foco recai na sujeição e, também na resistência, das mulheres a grandes dinâmicas de poder, como patriarcado, capitalismo e globalização. Neste texto será apresentada uma análise inicial de um vídeo e um áudio em que uma das mulheres pesquisadas ensina a fazer duas receitas de sabão, ao mesmo tempo em que fala sobre como aprendeu a prática e porque prefere confeccionar seu sabão em casa, quando há no mercado uma grande oferta de produtos de limpeza. A análise piloto nos mostra que a prática de fazer sabão caseiro se associa a uma tradição que se mantém ainda viva, a despeito do contexto hegemônico da atual indústria de produtos de higiene e limpeza.

**Palavras-chave:** Discurso. Mulheres. Feminismo. Poder.

---

**Abstract:** This paper reports the first procedures of the research “Feminist discourse analysis: from field formation to localized application”, developed between 2017-2018, within a Study Group from UEG-Jaraguá and PPGIELT, with support of the course of Cinema and Audiovisual from UEG-Laranjeiras. One of the objectives of the research was to collect and analyze recipes from women who make homemade soap to reflect on the relationship between this practice and women's identity issues. The focus is on women's subjection and also resistance to large power dynamics such as patriarchy, capitalism and globalization. This paper presents an initial analysis of a video and audio in which one of the women surveyed teaches how to make two soap recipes. She also talks about how she learned the practice and why she prefers to make her soap at home when there is a large supply of cleaning products in the market. The pilot analysis shows us that the practice of making homemade soap is associated with a tradition that is still alive, despite the hegemonic context of the current hygiene and cleaning industry.

**Keywords:** Discourse. Women. Feminism. Power.

---

## Introdução

Este texto expõe as primeiras apropriações teórico-metodológicas da pesquisa que venho desenvolvendo, no âmbito do Grupo de Estudos de Jaraguá e no PPGIELT, intitulada “Análises feministas de discurso: da formação do campo à aplicação localizada”. O projeto tem como objetivo empreender análises de discurso com perspectiva feminista sobre material discursivo gerado durante uma ação extensionista denominada “Mulheres que fazem sabão caseiro: receitas, performances e narrativas”. Essa ação aconteceu entre os meses de agosto e setembro do ano de 2018, a partir de uma parceria entre os campi da UEG Jaraguá e Laranjeiras, e gerou uma série de vídeos e áudios com entrevistas de mulheres que fazem o sabão que usam para a limpeza doméstica. Neste texto um desses vídeos e áudios é analisado como iniciativa piloto, na qual se colocam em prática alguns procedimentos teórico-metodológicos, cuja viabilidade pretende-se avaliar para os demais passos da pesquisa. A seguir, apresenta-se a proposta piloto.

## 1 O piloto

No vídeo que tomo para análise, vemos uma mulher, entre seus quarenta anos, clara, cabelos presos em um rabo-de-cavalo, rosto bonito, moradora de Jaraguá, interior de Goiás, casada, mãe de uma moça e três rapazes e avó de duas crianças. Ela está em casa, em um sábado à tarde, dia de folga do trabalho de professora do ensino fundamental há mais de dezoito anos. Na varanda lateral de sua residência, cujo estilo é bem comum nessa cidade\_ com uma “cozinha de dentro” e “cozinha de fora” dando para uma varanda lateral que serve tanto de garagem, quanto de área de serviço e lazer\_ ela, vestindo uma bermuda de lycra preta colada ao corpo até o joelho, uma blusa vermelha também de malha, tipo regata, colada ao corpo e calçando uma sandália tipo havaiana, apresenta, diligentemente os ingredientes que vai usar para nos ensinar a fazer um sabão líquido caseiro e nos diz, segurando uma garrafa plástica, contendo o ingrediente: – “Agora pro líquido, a gente vai usar 1 litro de álcool de posto, uma soda, 2 litros de óleo usado e um pouco de água quente pra desmanchar as pelotinhas de sabão que fica depois” – fala, indicando com o dedo para os recipientes que armazenam tais itens. Ela segue, dando a receita e nos ensinando a fazer o sabão. Em outro momento, ela nos diz, rindo: “eu não gosto de sabão de mercado, incrível né?”.

Essas cenas e relato são parte de um vídeo e de uma mensagem de áudio que me foram enviadas pelo *whatsapp* por Zenilza, a mulher que nos dá a receita e que é nossa

aluna no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) do Campus Jaraguá. O vídeo foi feito por um de seus filhos. O áudio, ela mesma gravou, explicando porque prefere fazer sabão em casa a comprar no mercado, ao que ela considera “incrível, né?”.

Foi justamente “incrível” o que achei, ao ter contato, há mais de trinta anos, quando vim morar em Jaraguá, e vi minhas vizinhas e outras mulheres locais fazendo sabão e trocando receitas de sabão caseiro em plena era dita “moderna”, em que a oferta de sabão pelas indústrias de produtos de limpeza e higiene disponibiliza no mercado opções de sabão das mais variadas tanto de preço como de tipos, formatos, fragrâncias etc. Pareceu-me de fato surpreendente que ainda hoje, uma atividade introduzida no Brasil Colônia, como a de se fazer sabão em casa, permaneça em plena atuação, mantendo ainda viva uma prática considerada do passado para muitos.

Vi nessa prática contornos desafiadores da agência de um sem número de mulheres que trocam receitas entre si, providenciam ingredientes, dedicam parte de seu tempo à atividade solitária ou coletiva de misturar produtos que reagem quimicamente e que, de um líquido viscoso, transformam-se em barras de sabão, contrariando toda uma lógica hegemônica de mercado, de consumo, de lazer. A agência dessas mulheres nos convida a traçar reflexões sobre as relações entre esses saberes e questões de identidade feminina, de sujeição e, por outro, de resistência a grandes dinâmicas de poder, como patriarcado, capitalismo e globalização.

Assim, comecei um projeto de pesquisa sobre as mulheres que fazem sabão caseiro. A princípio, pedi às pessoas próximas de mim, meu próprio companheiro, um amigo que é também professor e colega de trabalho e às minhas alunas, que me ajudassem a encontrar mulheres que fazem sabão e que estariam dispostas a compartilhar suas receitas pelo *whatsapp* em vídeos ou áudios. Após esse primeiro chamado, recebi alguns vídeos e áudios, dentre eles os de Zenilsa, a mulher da cena que narro no início deste artigo. Ela é uma das minhas alunas que atendeu prontamente ao meu pedido, mandou-me um vídeo feito por seu filho, mostrando como se faz uma receita de sabão e depois enviou também um áudio por ela gravado me explicando porque ela prefere fazer sabão em casa a comprar pronto.

Usarei o vídeo e o áudio que ela me cedeu e que autorizou divulgar, permitindo que eu revelasse seu nome, para esboçar um acesso inicial a minha pesquisa, cujo direcionamento tem por base as seguintes perguntas: 1) Qual a relação entre a prática de fazer sabão e as identidades dessas mulheres? 2) Como podem ser analisadas as performances/agências femininas nessa prática? 3) Em que sentido essas agências estão associadas à submissão das mulheres ao exercício tradicional das funções de cuidado, de higiene doméstica, etc.? 4) Em que medida a prática pode ser considerada uma resistência

aos padrões femininos modernos, submetidos a apelos capitalistas da indústria de produtos de limpeza/beleza em nossa sociedade de consumo? Para o presente trabalho, relato minhas primeiras aproximações a essa proposta mais ampla.

## 2 As primeiras aproximações teórico-metodológicas

O primeiro direcionamento que tomei rumo às respostas foi buscar um apoio teórico que me ajudasse a olhar para o material verbal, ou seja, as receitas em si, como um gênero discursivo. Minha base como pesquisadora da linguagem é originalmente a Análise de Discurso Crítica (ADC), um campo desenvolvido a partir dos anos 1980, por um grupo de homens e mulheres, a maioria oriunda de países do norte europeu, que se interessou por uma abordagem de linguagem que denuncia dinâmicas de poder e suas assimetrias. No Brasil a ADC se espalhou amplamente, mas dentre os autores do grupo em nosso país, tomou fôlego maior o trabalho de Norman Fairclough (2001, 2003). Esse autor é a minha principal influência teórica, não obstante, neste trabalho, irei propor uma articulação entre ADC e estudos feministas.

Autoras como Michele Lazar (2007), Débora Figueiredo (2017) e Carmen Rosa Caldas-Culthard (1996), apenas para citar algumas, já promovem esse enlace teórico e Michele Lazer, inclusive, cunhou o termo Análise Feminista Crítica de Discurso. Na esteira dessas autoras, vou desenvolver uma análise das receitas de sabão, a partir do referencial teórico da ADC, unindo referências feministas de autoras brasileiras como Lélia Gonzales, (1983) e Djamila Ribeiro (2017). Assim, pretendo esboçar um esforço original de Análise Feminista de Discurso, promovendo uma “reapropriação criativa”, para seguir as palavras de Audre Lorde (2007), sobre os pressupostos que aqui adoto. Espero, assim, poder contribuir para o reexame teórico de alguns conceitos da ADC, no contexto das pesquisas de linguagem e feminismo em nosso país.

Seguindo, portanto, essa direção, começo por analisar o vídeo e foco na “receita” como um gênero discursivo. A pesquisadora, Colleen Cotter (1997) realizou um trabalho muito profícuo com receitas culinárias. Ela me serve de referência para minha primeira incursão por esse campo. A autora enfatiza que, a forma como a linguagem é usada no contexto do discurso de receitas molda nossa interpretação de muitos aspectos concernentes não apenas à prática em si, mas também como nós vemos a comunidade na qual esta está inserida e seus valores.

Conforme eu mencionei mais acima, meu contato com as receitas de sabão aconteceu há mais 30 anos, quando vim morar em Jaraguá. Na época eu, como uma recém-chegada na comunidade, ou seja, ainda meio que “de fora”, surpreendia-me com os

comentários de algumas mulheres sobre as receitas de sabão que elas experimentavam e sobre como estas resultavam em produto com maior eficiência na limpeza doméstica e economia financeira. Agora, três décadas mais tarde, e já como membro “de dentro” da comunidade jaraguense, olho para as receitas como textos culturais que, conforme observa Cotter (1997), têm sido considerados apropriados para o escrutínio sobre o mundo ao nosso redor, ou nosso lugar no mundo.

Ainda para a autora, uma forma de olhar receitas é do ponto de vista narrativo, como uma maneira particular de contação de história. Por isso, é relevante olhar para a estrutura narrativa das receitas, elas podem nos mostrar como a linguagem constrói comunidades, estabelece identidades pessoais e nos diz quem pertence e quem são os de fora. Ao olharmos a linguagem e estrutura de uma receita, podemos começar a ver como ela pode ser lida como uma história, uma narrativa cultural que é dividida e estruturada por membros de uma mesma comunidade. Tomo, portanto, a receita de sabão que me enviou Zenilza no vídeo como uma narrativa e esboço, a seguir, uma primeira aproximação analítica.

### 3 Receitas de sabão e tradição: o vídeo

O vídeo que Zenilza me enviou pelo *whatsapp* foi transcrito por uma aluna bolsista de ação extensionista. Para não sobrecarregar o arquivo com um vídeo longo, Zenilza teve que segmentar a filmagem da receita em três arquivos. Neles, ela ensina uma receita de sabão. A bolsista fez a seguinte transcrição dos vídeos:

A princípio, Dona Zenilza nos apresenta os ingredientes necessários para a criação do sabão caseiro. Os componentes estão dispostos em recipientes diversos.

– Agora pro líquido, a gente vai usar 1 litro de álcool de posto... – ela diz segurando uma garrafa plástica contendo o ingrediente.

– [...] uma soda, 2 litros de óleo usado e um pouco de água quente pra desmanchar as pelotinhas de sabão que fica depois. – diz ela indicando com o dedo para os recipientes que armazenam tais itens.

Um latão preto com grande capacidade está a postos a fim de reunir todo o material que será utilizado na fabricação do sabão. A seguir, Zenilza destampa o frasco que comporta a soda:

– Aí, a gente vai colocar primeiro a soda... – diz ela despejando no latão uma quantidade razoável do elemento.

– A mesma medida de água. – diz ela, enquanto corre ao tanque para pegá-la.

– Aí, eu coloco a água pra dissolver a soda e mexo até dissolver. – explica ela misturando ambas as substâncias com o auxílio de um pedaço de madeira.

Após passar um pequeno período mexendo, Zenilza pega a panela de alumínio contendo o próximo ingrediente e despeja no latão:

– Agora eu acrescento o óleo...

– [...] e agora o álcool. Na hora que a gente põe o álcool tem que ter cuidado porque ele ferve, aí não respira esse arzinho que sai e, aí já vira umas pelotinhas de sabão lá dentro. – diz ela após destampar a garrafa pet que contém o líquido e assim voltando a misturar por um curto tempo os componentes já colocados no latão preto.

Após isso, é adicionada a água quente que está numa outra panela:

– E aí, essa água meio quente é pra derreter as pelotinhas de sabão que fica lá. Evita respirar esse vapor que tá saindo! – alerta ela.

– Aí, eu mexo até desmanchar aquelas pelotinhas que fica lá com a água quente.

Dando continuidade ao processo, após passar por mais um período mexendo o sabão, o latão é colocado em outro ambiente. Dessa vez, um balde com mais água é despejado dentro do latão:

– Depois que tirou todas as pelotinhas de sabão que fica, pode ir acrescentando água, água fria mesmo, vai acrescentando... ele dá mais ou menos de 50 a 60 litros de sabão. – afirma Zenilza.

– Aqui tá pronto, oh, ele tá bem grosso, ainda pode colocar mais um pouco de água nele, oh. Olha só tanto que tá grosso! Aí, pode pôr ainda um pouco mais de água nele, depende também do gosto da pessoa, né!? Se quiser ele mais grosso ou mais fino um pouquinho... só que quanto mais grosso ele ficar, depois ele fica bem mais grosso no litro também, na hora que ele vai esfriando, que ele vai ficando mais velho ele vai ficando mais grosso. Mas tá aí a receita do sabão líquido que rende de 50 a 60 litros. Olha só como ele ficou lindo, olha só que maravilha de sabão, fica melhor que o comprado no mercado! Aprendi também essa receita com a minha mãe desde quando eu era criança... – afirma ela que, em seguida se direciona ao resultado do seu trabalho.

– E tá ali, já tá bem consistentezinho já, oh! Tá bem durinho, é... mais tarde ele já vai tá bom pra cortar já, olha só como ele tá bom! Vai render em torno de uns 50 pedaços... depende do tamanho que vai cortar, mas por aí, uns 50 pedaços pra mais que ele vai render. – constata Zenilza que, apalpa o sabão já em seu formato sólido exposto numa bacia cor verde-água.

– E tá aí a nossa receita, eu espero que vocês façam e que dê certo. Qualquer coisa pode entrar em contato comigo, com a professora

Lúcia, que a gente passa a receita novamente e ensina de novo. – conclui Dona Zenilza ao finalizar sua explicação sobre o modo de preparo do sabão caseiro.

Examinar receitas no nível do uso da linguagem nos dá muitas formas pelas quais podemos investigar o conteúdo das receitas e como elas refletem o momento social, as expectativas de seu tempo, as relações de poder e, como promovem significados particulares sobre os produtos receitados. Sobre os significados do próprio termo sabão, por exemplo, Carvalho (2016) identificou que nos dicionários as definições tentam acomodar a substância (ácidos graxos com um polo hidrofílico), suas propriedades e uso (limpeza), e ainda, sua objetificação (tablete, barra ou gel). Assim, o autor afirma que os indivíduos “modernos” entendem o sabão principalmente como um tablete, e ainda como gel ou líquido, mas, sobretudo como um objeto, algo que se usa pra lavar.

A receita de Zenilza é de um sabão líquido, que ela avalia como “lindo”, uma “maravilha de sabão”, que “rende de 50 a 60 litros” que é “melhor que o comprado no mercado!”. Como um texto localmente situado em uma comunidade de prática, a receita de Zenilza incorpora relações linguísticas que implicam um número de questões histórico-culturais dessa mesma comunidade (COTTER, 1997). Nesse sentido, é importante situar que a prática de fazer sabão em casa, na qual a sua receita está inserida, foi introduzida no Brasil Colônia e esteve sempre associada às funções femininas com a lida doméstica, o cuidado e a limpeza. Com a expansão industrial do século XX, os produtos que antes eram fabricados em casa, foram sendo apropriados por empresas e passaram a ser comercializados amplamente. Assim, muitas das fabricações caseiras foram deixando de existir e cederam lugar ao consumo pelas vias comerciais.

Atualmente existe no mercado uma gama ampla de produtos de limpeza à disposição nos supermercados de todo o país. No entanto, em Goiás, Minas Gerais e outras localidades brasileiras, muitas mulheres resistem a esse movimento de consumo e preferem elas próprias fazer o sabão que usam. Observa-se que Zenilza afirma ter aprendido a fazer sabão com sua mãe: “Aprendi também essa receita com a minha mãe desde quando eu era criança...”. O áudio que ela me enviou, dá mais subsídios para essa discussão.

## **4 Receitas de sabão, sujeição e resistência a dinâmicas de poder: o áudio**

Boa tarde professora Lúcia, professora eu aprendi com a minha mãe, por que ... assim desde quando eu era criança, minha mãe fazia e eu

sempre gostei de tá junto com ela, em tudo que ela ia fazer eu tava junto, né? Ela mexia com horta, eu tava junto, ia mexer com planta, eu tava junto e não era diferente com o sabão, ela ia fazer sabão, eu tava junto e eu acredito que seja pelo fato de ter aprendido como minha mãe, de ter crescido com minha mãe usando só esse tipos de sabão caseiro eu não gosto do sabão de mercado. É...eu acho que parece que ele num são cheirosos, parece que... assim, se você deixar ele numa vasilhinha com água e a bucha parece que a água fica babenta, a bucha fica babenta, assim fica com mal cheiro... parece de coisa podre, e o caseiro não, o caseiro você pode deixar ele na água que a bucha não fica desse jeito a água não fica com mal cheiro, então assim por isso eu não gosto de sabão de mercado, incrível né ( risos), mas eu gosto é só do sabão feito em casa, eu faço de pedaço e faço liquido também, então eu não compro o de mercado, eu gosto eu mesmo fazer o meu, aprendi com minha mãe, e faço realmente porque gosto. Em casa eu faço de pedaço e faço liquido também, então eu não gosto de comprar do mercado gosto eu mesmo de fazer o meu, faço porque gosto, acho bom fazer, o dia que vou fazer é bom, eu gosto de mexer, fazer inclusive tem muitas colegas minhas que fala assim “cê” é doida o trem tá prontinho lá no mercado e você vai caçar trabalho pra você, mas faço porque sinto prazer em fazer, não sei se é por que eu lembro de quanto era criança ajudava minha mãe, e mesmo depois de adulta quanto minha mãe ia fazer eu sempre tava junto ajudando porque ela tinha problema de pulmão, de coração e eu sempre tava junto mexendo pra ela né. Então acredito que seja isso e vou passar a receita sim para a senhora, quero ver se eu faço o mais rápido possível pra mim filmar certinho, pra senhora ver os passos tudo como que é, mas mando a receita sim, com prazer.

Neste relato, Zenilza sinaliza que a prática de fazer sabão em casa segue uma tradição, que parece vir sendo transmitida de geração em geração, de mãe para filha e assim sucessivamente. No mesmo relato, ela indica um posicionamento de resistência ao consumo de produtos industrializados e justifica essa resistência em termos da eficiência higiênica do sabão caseiro em relação ao de mercado, que, segundo ela “num são cheirosos”, têm cheiro “de coisa podre” e deixam a bucha “babenta”. Justifica ainda em função do prazer de fazer seu próprio sabão: “acho bom fazer, o dia que vou fazer é bom, eu gosto de mexer”. Duas dimensões se mesclam nessas justificativas: o trabalho doméstico e o lazer. Ambas sinalizam um alinhamento identitário de Zenilza com construções femininas que privilegiam o cuidado doméstico, a limpeza, a higiene e a diligência feminina nesses campos.

Essas construções são captadas em algumas obras da literatura goiana e respaldam

tanto esse alinhamento feminino, quanto a noção de tradição que Zenilza atribui à prática de fazer sabão, passada por gerações, como demonstra os trechos do poema de Cora Coralina (2015) “*Essas mãos*”: “*Íntimas da economia. Do arroz e do feijão. Da sua casa. Do tacho de cobre. Da panela de barro. Da acha de lenha. Da cinza da fornalha. Que encestavam o velho barreiro e faziam sabão*”. Localizamos nesse poema a mesma associação de identidade feminina que Zenilza aciona em sua receita, onde ela narra, através do ato de fazer sabão, o papel diligente das mulheres na logística e na economia doméstica. O mesmo papel assumido por Cora, como mulher, goiana, doméstica e “trabalhadeira” em seu poema.

Como observa Cotter (1997), as características divididas nas receitas podem prover, como narrativas, uma forma de coesão cultural. Ao buscarmos na profusão de receitas que as mulheres executam, muitas delas agora disponíveis em mídias como o *youtube*, vemos que elas dividem características comuns, bem como também exibem grandes diferenças. Além disso, como ainda observa a autora, receitas são recicladas ao longo do tempo e por diferentes contextos sociais. O escritor goiano Carmo Bernardes, em sua obra *Quatro Crescente: lembranças*, lista alguns tipos de sabão caseiro que, segundo ele, eram feitos pelas mulheres da roça em um passado não muito distante:

[...]. Não joguei fora a herança trazida da roça, me importando pouco ou nada de me apresentar como cascagrossa, com minhas ignorâncias de caipira. O caso de fazeção de sabão é que nesta hora me encasqueta. Sei que demoro em conversa sem proveito, mas não de me perdoar o enjoamento: deixem eu dizer umas coisas sobre isto: guardo a experiência de que o melhor sabão feito em casa, que existe, é o da carne de coco de macaúba; depois vem o do pequi, do abacate, da fruta do tinguí, todos esses especiais de bom para o asseio corporal. Se as mulheres da cidade soubessem o quanto fica bonito, vivo e macio um cabelo lavado só com sabão feito cá, especialmente de um ou dos quatro desses materiais, elas dariam tudo ao seu alcance, assim como dão por uma porção de banha de tartaruga. É preciso saber que, na feitura de um sabão próprio de lavar os cabelos, não pode haver soda cáustica. Há de ser feito com o potássio natural, de decoada destilada no barreiro, e a cinza de resultado melhor neste caso é a da palha de feijão. Sabugo de milho e engaço de cacho de banana também dão boa cinza, assim como de assa-peixe e uma árvore do cerradão chamada maria-pobre. (BERNARDES, 1986 p. 84).

Conforme mostra o autor, os ingredientes das receitas de sabão são diversos e rendem tipos diferentes sabão e seus usos. Contudo, é interessante perceber em suas

palavras, avaliações muito próximas das que fez Zenilza sobre o seu sabão: “fica bonito, vivo e macio”, mostrando esse produto caseiro é apreciado. Os itens linguísticos citados como ingredientes nas receitas, que dentro de uma abordagem discursiva constituem o próprio léxico do gênero receita, carregam marcas que nos dão as pistas da inserção histórica e social do sujeito no contexto desse discurso. Nesse sentido, é interessante fazer uma análise dos significados atrelados aos ingredientes listados por Zenilza em relação aos que o autor pontua.

Conforme enunciei mais acima, três substâncias são essenciais para obtenção do sabão: água, gordura e soda. Esta última, nos tempos a que se refere Carmo Bernardes, era obtida após um processo de queima de “palha de feijão”, “sabugo de milho”, “engaço de cacho de banana”, cujas cinzas eram coadas \_daí o termo “decoada” (de coada)\_ em um pano, o “barreleiro”, que o escritor cita, para obter a barrela, ou seja, o líquido da cinza coada com água que é equivalente a uma soda. A gordura a que se refere o autor era a animal. Cora Coralina (1993), em um de seus poemas, no livro *Poema dos becos de Goiás e histórias mais*, menciona a “graxa”, ou seja, o uso de gordura animal, pra fazer sabão: “A gente do sítio correu no rumo dos tiros. Vieram a fera morta em contorções reflexas. Falou o caçador: vocês daí, salvem o couro p’ra nós. Na volta apanhamos, aproveitem o resumo p’ra sabão que essa bicha tem graxa”. Decoada, graxa e água, são, portanto, itens constituintes das receitas de sabão a que se referem tanto Cora, quanto Carmo Bernardes e que nos remetem a todo um contexto histórico-cultural goiano.

Já a receita de Zenilza, é de sabão líquido, uma forma que só foi desenvolvida com a evolução da indústria química e a expansão comercial dos produtos de limpeza. Os ingredientes que ela cita são: álcool de posto (posto de gasolina), soda, óleo usado e água quente. O “óleo usado” é aquele utilizado na fritura de alimentos e que é guardado para descarte ou reaproveitamento. Esse óleo funciona na receita de Zenilza, com a graxa funcionava nas receitas originais. A soda toma o lugar da decoada. Assim, essa receita compreende um hibridismo, uma mescla entre as práticas herdadas do Brasil Colônia e as atuais práticas de consumo das sociedades capitalistas. Enquanto as receitas mais antigas eram produzidas com ingredientes disponíveis a partir de recursos naturais, a receita atualizada requer produtos industrializados e comercializados em larga escala. Tanto o óleo de fritura, como o álcool e a soda, ingredientes que ela cita, e que devem ser comprados em estabelecimentos comerciais próprios, pois são todos produtos industrializados.

## As considerações iniciais

Neste texto, busquei uma primeira investida de análise de dados para a pesquisa em

curso. Observei que o enlace entre ADC e feminismo, a que me proponho, demandará uma revisão de noções teóricas da ADC, como por exemplo, “narrativa” e “estilo” (FAICLOUGH, 2003), em relação a pressupostos feministas como “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) e “histórias de si” (GONZALEZ, 1983). Além disso, também será necessária uma revisão do conceito de agência (AHEARN, 2001), uma vez que a categoria pode iluminar uma análise mais rica sobre ação das mulheres no contexto das suas práticas.

A pesquisa se volta às perguntas que listei no início desse texto, na segunda seção. A esse respeito, a análise piloto nos mostra que a prática de fazer sabão caseiro se associa a uma tradição que se mantém ainda viva, a despeito do contexto hegemônico da atual indústria de produtos de higiene e limpeza. É uma prática eminentemente associada à identidade feminina baseada nos tradicionais papéis de gênero, que designaram à mulher a atividade doméstica. Atributos como, diligência na execução de tarefas, zelo, capacidade de aproveitar e economizar recursos, são associados ao um maior status na condição de feminina.

Porém, diferente das mulheres do passado, de quem a nossa depoente diz herdar o conhecimento, sua receita, apesar de caseira, já se insere em um contexto de dependência das novas dinâmicas industriais. Isso revela que, embora a prática de fazer sabão caseiro à qual ela se filia, pareça ainda alinhada com identidades femininas que são performadas por exercícios domésticos de cuidado, limpeza, etc., seguindo uma tradição, essa prática não rompe em profundidade com o contexto comercial e de mercado da atualidade, ou seja, não promove uma resistência profunda ao consumo de produtos industrializados.

## Referências

AHEARN, Laura. Language and Agency. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 30, p. 109-137, 2001.

BERNARDES, Carmo. *Quarto crescente: lembranças*. 2. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 1986.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. ‘Women who pay for sex. And enjoy it.’ Transgression versus morality. in Women’s Magazines”. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; COULTHARD, Malcolm (org.). *Texts and practices: reading: readings in critical discourse analysis*. London: Routledge, 1996. p. 248-268.

CARVALHO, Hugo de Ferreira. Trazendo o sabão de volta à vida: discutindo natureza/cultura e substância/objeto à luz das ideias de Tim Ingold. *Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.

19-32, ago. 2016. Semestral. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. São Paulo: Global, 2015.

\_\_\_\_\_. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 17. ed. São Paulo: Global, 1993.

COTTER, Colleen. Claiming a piece of the pie: how the language of recipes defines community. In: BOWER, Anne L. (org.). *Recipes for Reading: community cookbooks, stories, histories*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1997. p. 51-72.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analyzing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FIGUEIREDO, Debora de Carvalho. Quem é x leitorx? leitura e posicionamento de gênero. *ReDCen – Revista Discurso em Cena*, n. 1, p. 19-30, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

**LUCIA GONÇALVES DE FREITAS**

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis - Goiás - Brasil.

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/6936306486720882>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7553-1119>

E-mail: [luciadefreitas@hotmail.com](mailto:luciadefreitas@hotmail.com)